

Ūa Céltica chamada Kalláikia

Higino Martins

1. NA VERDADE, QUEM ERAM OS ARTABRI?

(Com leves mudanças, este texto fazia parte do meu contributo ao III Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza, celebrado em Vigo e Ourense em Setembro e Outubro de 1990)

1. Duvida-se dos limites dos ártabros; mesmo a existência lhe foi questionada. Na origem das hesi-tações estã as notícias dos geógrafos antigos. Estrabom, no séc. I a.C., põe-nos sempre “no Norte”: II 5, 15 “...navegando aos chamados *ártabroi* o rumo é para o Norte”; III 2,9 “Entre os *ártabroi*, que moram no mais distante do Setentriom e do Ocaso da Lusitânia,...”; III 3,5 “Os derradeiros som os *ártabroi*, que moram perto do cabo que dizem Nérion, onde se junta o lado ocidental e o setentrional”. Precisdões que pouco aclaram; o Nérion próximo pode significar qualquer distância. Notícia mais precisa é a da situaçom do grande Porto dos Ártabros nã baía com muitas cidades apinhadas, que se identifica com as rias da Corunha e do Ferrol (III 3,5). No mesmo trecho diz que também se chamam *arrotrebas*; logo som dous nomes, nom deturpações ou variantes de um só.

Para P. Mela (III, 13), os *artabri* ocupam a costa norte, e imediato depois deles veem os ástures. Logo mesmo os *álbiones* (última tribo do *conventus lucensis* antes dos ástures, segundo Plínio) eram *artabri*. Logo, *artabri* é nível de agrupamento humano diverso e maior que o dos *albiones*.

A maior dor de cabeça vem por Plínio. Nega a existência da gente dos *artabri*; precisamente diz que existe a dos *arrotrebas*, e que por “manifesto error”, através dum câmbio de letras, se lhe atribui o nome de *artabri*. Aparentemente o confuso é Plínio, sem que saibamos se a confusom nasceu nele ou nas fontes. O embrulho perpetua-se e chega a nós; nom contribuiremos a acrescentá-lo citando os autores que o mantiverom. No caminho que creio certo, comecemos por dizer que Plínio nom nega a existência da palavra *Artabru-*; rechaça sim atribuí-la aos *arrotrebas*, e aplica-o ao “promontório de longa ponta, por uns chamado *Artabrum*, por outros *Magnum* e por muitos *Olisiponense* pelo *oppidum* deste nome [Olisipo, Lisboa], cabo que separa as terras, os mares e o céu” (IV 113). Quer dizer, atribui *Artabrum* ao Cabo da Roca, o da banda direita ou norte da foz do Tejo.

2. Cabo Ártabro tam longe do *Magnus Portus Artabrorum* corunhês? Nom parece ter sentido e em geral foi desprezado. A meu ver, cabe aceitar o testemunho, objetivo e explícito, talvez produto de confusom de Plínio, mas nom alterado na transmissom. Cuido que o que há é que *artabro-* nom é etnónimo, mas outro, que quadra averiguar. Buscando

ocorreu-me ūa ideia, que depois soube com-partilhada com C. Torres Rodríguez¹: *ártabro* é “do norte”. O cabo boreal da foz do Tejo chamava-se *Promontorium Artabrum* porque *artabro-* era precisamente “setentrional, do Norte”; os *artabri* de Mela, *ártabroi* de Estrabom, eram simplesmente “os (callaeci) do Norte, setentrionais”. O desco-nhecimento da língua céltica explica as imprecisões dos autores grecolatinos. Nom sabiam céltico, mas nas suas notícias transparecem as vozes dos intérpretes aborígenes.

3. A tradução proposta (na companhia de C. Torres Rodríguez e nom sei se de outrem) ainda nom é etimologia. Como analisar? Parece aceito de todos *artabri* conter o célt. ARTOS “urso”. Coromines concorda nisso; o que nom creio com ele é que se aluda à abundância do animal nos soutos galegos, senom à constelação da Ursa, que indica o polo norte celeste. Era acaso também céltico designar essas estrelas com o nome da Ursa? A origem última do mito é difícil de discernir, mas arraiga em tempos pré-históricos e aparece em toda a Europa antiga. A versom comum no Ocidente vem dos gregos, mas nom lhe é exclusiva: Calisto, companheira de Artemisa, qual esta jurara ficar virgem. Seduziu-a Zeus sob a forma de Artemisa e ficou prenhe. Procurou ocultá-lo e descobriu-a Artemisa no banho, que a virou em urso. Artemisa, para caçá-la; ou Zeus para ocultá-la. As versões diferem, mas ao cabo foi acolhida no céu por Zeus, que lhe pus a imagem nas estrelas (Constelações da Ursa maior e menor). Calisto é forma arcaica ou forasteira da mesma Artemisa. O nome desta acusa vín-culo com os ursos, qual lhe aconteceu à homóloga céltica Artiū. Calisto era mãe de Árcade, avô dos arcádios, logo sua Senhora dos Animais, e dos ursos. A par, nela vibrariam harmónicos das Artemi-sas “hiperbóreas”. O condiçom virginal é o cariz bravio, isento de homens, da terra na que é Senhora dos Animais. Para R. Graves, a virgindade é um dos três aspectos da Terra.

Identidade, oposiçom e articulaçom destas figuras tem grã interesse, mas excede o fim atual, que é sublinhar as raízes europeias do mito, anterior à difusom da cultura grecolatina. O mito que une Polo Norte e Grã Ursa é de origem pan-europeia, talvez paleolítica, se nom dantes.

4. Crê-se ARTOS vir do ie. **r̥k̥bos*, cf. scr. *r̥k̥ṣah*, gr. *ρκτος*, lat. *ursus*. Nom é clara a desinência. Será *-abro-*, como em *cantabri* e **vellabri*². Se só tivéssemos *artabri*, já com a suspeita do vínculo com a Ursa celeste, talvez poderíamos crer o *-A-* ser vogal temática de ARTĀ “ursa”, mas, à vista dessoutras formas, nom parece provável. O sentido da desinência deve de ser locativo.

¹ Casimiro Torres Rodríguez, *La Galicia Romana*, Corunha, 1982, p. 120.

² Para MacNeill é *VELLABRĪ (cita em T. F. O’Rahilly, o. c. p. 9).

A única ideia que me vem, sem encher de todo, é vincular *-abro-* com o célt. comum *MROG(I)- “país fronteiro”³, irl. *mruig*, *bruig* m., galês, córn., br. *bro* f., também presente em *KÔMBROGES “compatriotas, paisanos”, nome que se davam a si mesmos os britanos que hoje chamamos *galeses*, nome que lhes deram os seus vizinhos saxões, quer dizer, *welisc̄* > *welsh* “estrangeiro”. Também entram aqui os gauleses *broga* (“*brogae Galli agrum dicunt*”) e *allôbroges* “estrangeiros”.

Seria: ie. **rk̄p(o)-mrog(i)-* > protocélt. *ART-AMROG- > *ARTABROG-. Problema é explicar a au-sência do -G(I)-. O tom talvez tenha algo a ver. *Cômbroges* e *allôgroges* mostram diversa posição do tom, em *ártabro-* e *cântabro-* vai mais afastado. Estes som adjetivos de uso frequente sofreram erosom intensa, a partir do singular. *ÁRTABROG- teria um nominativo singular *ÁRTABROXS, que passaria facilmente para *ÁRTABROSS, *ÁRTABROS, confundindo-se logo com os temas em -O. Da confusom emergiria o plural analógico *ÁRTABROI. Lendo a nova versom de *marca* no DCECEH de Coromines, no tocante ao galego *cômaro*, port. mod. *cômore*, topo a brilhante hipótese do étimo *KÔMMERGO- “confinante”, que lhe apresenta ao mestre Coromines similar dificuldade para explicar a elisom do -G-. Dada a verossimilhança da hipótese, sinto-me animado a propor a solução simples da base antiga já sem -G-, o que deliria as dificuldades de *cômaro* e de *ártabro-*: *MRO-, quer dizer, *KÔMMR,̄O- > *KÔMMARO- > *cômaro* e também **rk̄p(o)-MRO-* > *ÁRTAMRO- > *ártabro-*. Os sentidos seriam “terra confinante” e “da terra confinante (da banda) da Ursa”. Isso no que toca ao céltico. A passagem deste ao latim explica *artabrī* (de *ÁRTABROI) e *artaber* (de *ARTABROS, cf. lat. *vir* perante o célt. *wiros*; em céltico também pôde haver tais reduções: *gutwater* parece tema em -O). Sei do arriscado destas hipóteses, mas o vazio requer ser enchido.

5. ÁRTABRO- logo seria primeiro “do país limítrofe (para o lado) da Ursa” e depois simplesmente “que está para o lado da Ursa”, “setentrional” ou “ártico”. Sim, mesmo se nom atinamos na análise da desinência, é difícil nom emparelhar *ártabro-* com *ρκτικός*. De corolário digamos que *ártabro-* “do Norte, do lado da Ursa” opõe-se a *dexsio-* “destro, da (mão) direita, do Sul”, pois que a orientação pelo Oriente ou Leste determina [no hemisfério norte] a mão direita assinalar o Sul.

6. Quanto a *arrotrebae*, parece lídimo etnónimo. TREBĀ é conhecido e é “casa familiar; unidade agrária”. Contem essa palavra *Contrebia*, *atrebates*, *trebacorii* e outras. ARRO-, segundo a gramática céltica, vem dum célt. comum *ARSO-, do ie. **ers(o)-* “ másculo”. É designação na linha usual das autodesignações destes guerreiros halstáticos de ethos homérico, nos que afouteza e alarde eram obrigas indeclináveis, tanto como para o samurai

³ J. Vendryes, o.c., M, p. 67. Vincula-se com lat. *margō*, *-inis* e gót. *marka*.

japonês. ARROTREBĀS era “casas dos machos” e está perto dos *arroni*. Prefiro ler *arronii*, latinização de *ARRONIOI, que se explica qual *arrotrebae*: *ARRONIO- < *arsonio- < ie. *ers-(onio)-, cf. gr. ρσένιος, ρσενικός, ρρενικός. Como estes, será “masculino, bem macho”. Algo próximo de *nerii* ou *nerioi, que era “viris, varonis”.

7. Se a hipótese atinar, nom falaremos mais na tribo dos ártabros e saberemos mais da língua calaica. Além disso, nova luz cai no culto da deusa Artiū, testemunhado em Arçua (< acusativo *ARTIÔNAN).

2. É QUE PORVENTURA EXISTIU A KALLAIKIĀ?

(Também redigido para o III Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza, em Vigo e Ourense em Setembro e Outubro de 1990. Contudo, contém algũas mudanças)

1. Ao analisar *artabri* insinuou-se a questom da consciência de identidade dos calaicos (galegos pré-romanos): se na língua local se falava nos *do Norte*, logo havia outros *do Sul*. No Norte limite é o mar. Aonde chegava o Sul calaico? Se o Cabo da Roca foi antes *Ártabro*, a Lusitânia falava também essa língua. A continuidade transparece nas notícias mais antigas, que nom distinguem *gallaeci* de *lusitani*, mas depois, na vasta zona começam a ver-se matizes. Plínio (IV 112), no séc. I d.C., fala do Douro que parte a Lusitânia dos calaicos⁴. Põde dever-se esta notícia à atribuiçom da Gallaecia à Citerior por Augusto. Mas, a identidade calaica preexistia. Gallaecia como tal só figurou brevemente, em tempos de Caracalla e Diocleciano, no sistema territorial romano. Mas a persistência do nome, nom latino, e a dos três *conventūs* que a compunham (através da organizaçom territorial eclesiástica) indica que deverom preceder à sua institucionalizaçom romana. Nom teriam durado a nom ter sido na verdade o reconhecimento da velha organizaçom local.

2. Parafrazeando Mircea Eliade, digamos que todo cosmos cristaliza desde um centro: cosmos é o que pende do Centro. A crença compartilhada por todas as culturas arcaicas põe o Centro do Mundo, o ônfalos da Terra, na “montanha sagrada”. Às avessas, todo lugar que participe da condiçom de centro sagrado tem algo de Montanha Sagrada que une Céu e Terra, e de Eixo do Mundo, que serve a unir os mundos superior, médio e inferior, quer dizer, Céu, Terra e Infernos.

Se a Galiza antiga (ou Kallaikiā) existia antes da ordem romana, cabe supor-lhe um centro místico a congregá-la, qual as Olimpíadas ou os grandes santuários uniam os gregos. O *Centro do Mundo* seria a par *Montanha Sagrada*. Temos acaso algum rasto desse ponto?

⁴ Redigido isto, ao estudar a etimologia de *Douro*, insinuou-se ũa luz na questom do linde sul da Kalláikia. O rio é *Durius* em latim (Plínio e Mela), e Δούριος (Estrabom), Δορίος (Ptolomeu e Apiano) e Δόριος (Dion Cássio) em grego. U latino era igual a O breve fechado céltico. O para Estrabom era qual U latino longo. O ómico de Ptolomeu e Apiano já era O breve aberto. O Ω do escrupuloso Dion Cássio destaca a longitude. A meu ver, o só modo de integrar a caótica assembleia de vogais é pôr o céltico calaico *(RĒNOS) DWORIOS, nom *DORIOS, de O tónico breve e fechado. O ómega de Cássio tentava verter o ditongo crescente, que nas fonologias latina e grega desaparecia. Que significava? É claro adjetivo de *DWORES “portas”, e seria “(rio) das Portas”. O tema ie. **dhwer-* usava-se essencialmente no plural, e ali tinha vocalismo O, **dhwores*.

O “Rio das Portas” suscita a pergunta de quais som as portas. Apesar de o rio atravessar a Celtibéria, aí nada divide; torna-se “portas” ao unir-se com o Esla. Sem ser exato paralelo, estão próximas as danubianas Portas de Ferro; traduzem o antigo *Isarnodūrum*, latinizaçom de *ĪARNÓDWORON. Neste vemos -DURUM aplicado a acidente geográfico; na Gália é frequente como segundo membro de composto em nomes de vila, onde é simples metonímia. Estou certo de “Rio das Portas” ser nome dado por lusitanos e calaicos ao Grande Limite. Portanto roborá o limite sul da Kaláikia.

A meu ver temo-lo e bem claro. Parece pasmoso nom ter-se visto antes: para Ptolomeu, no território dos **tiburos* ou **triburos*⁵ situava-se *Nemetóbriga*, que significa “cidade santa ou consagrada” (melhor que “cidade do santuá-rio”, qual se dizia). Ora, -BRIG(Ā) antes foi “altura, outeiro; monte”⁶. Depois, por morar os celtas halstáticos em alturas fortes, chega a ser “castro; *oppidum*, vila forte”. Logo é legítimo arcaizar a tradução, de acordo ao material religioso, e entender também “*montanha sagrada*”.

⁵ Asterisco por discutir-se a forma do etnónimo. Sempre o vi impresso como *tiburos*. A leitura vem dos códices ptolemaicos que teem Τειβούρων. Fez bem Coromines ao revisar as fontes e ler Τριβούρων. Esta forma surpreendente altera a análise. Só consultei a edição de Karl Müller, que já insinua *triburos* ser talvez a leitura correta; nom sei doutras. Vinha-se supondo a sequência *Tiburīs* abl.-loc. lat. > *Tibres* > *Trives*, mas ora cabe preferir outra evolução, ao menos paralela, **Tribuīs* abl.-loc. lat. > **Tibris* > *Trives*. A leitura de Coromines (*Actas do I Coloq. sobre Linguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, 1976, p. 138, n. 2), é facto novo prenhe de sequelas nas análises futuras. Ao cabo, o que interessa é comprovar que o nome tribal (ou de coletivo diverso) dos donos de Nemetóbriga contém o prefixo *tri-*, o que aludirá ao seu lugar central na Kalláikia, confinante com as três partes. Cremos ter *TRI-BO,ROI “que contem três”. A transcrição do Q breve céltico por O talvez pague tributo à frequente equação “breve fechado céltico=U breve aberto latino”. Quanto à semântica de -BORO- (< ie. **bhor-o-*, cf. gr. (δί)φορος, lat. (*bi*)fer), lembremos que *bifer* foi “que produz dous”, depois “que contém dous”.

⁶ Do ie. **bhrgh-*, cf. germ. *burgs*.

A sacralidade é dado essencial, mas dir-se-á que qualquer vila é para os seus imagem da Cidade Sagrada, do Centro do Mundo. Por que esta deveria ser o núcleo da Kalláikia para o *conjunto* dos nossos avôs pré-romanos? Além de ser a só chamada assim, concorre a circunstância de situar-se em lugar adequado. Para Cuevilhas, estaria em Mendoia ou Trives Velho, num círculo com centro na Póvoa de Trives e rádio duns de dous quilómetros. Pois bem, justo aí, perto do Monte Furado e a Póvoa de Trives, os historiadores coincidem em pôr o encontro dos limites dos três conventos, asturicense, bracarense e lucense. As fronteiras, alhures controversas, aí som pacíficas.

A Cidade Santa, a par Montanha Sagrada, estava situada justo no centro da ordenaçom territorial romana dos galecos (galegos romanos), e portanto deveu de ser antes a Cidade Santa, Montanha Sagrada, Eixo do Mundo dos calaicos, o ônfalos da Kalláikia.

3. As condições de Centro do Mundo e mística Montanha Sagrada envolve na geografia religiosa a de ponto sobranceiro a que se subordinam as terras de arredor. Hoje qual ontem, os que vâm a Jerusalém *sobem*, mesmo se veem de lugares fisicamente mais altos. Bem que baixe do Hébron ou da Galileia, quem vai a Jerusalém *sobe* a ela. Essa maneira de falar nom era exclusiva do hebreu.

Comarca próxima de Trives é o *Bolo*, que indigesta há muito. O só certo no nome é no étimo ter de ver-se L duplo: *BOLLO- ou *WOLLO-. Que se parece com *WOLÓBRIXS (melhor que *WOLÓ-BRIGĀ), que o ζΟυολόβριγα de Ptolomeu e o *valabricsis* de vários epígrafes deixam reconstruir. A geminaçom de *WOLLO-, era expressiva, hipocorística, própria de todas as línguas indo-europeias antigas, similar aos nossos diminutivos acarinhantes, e alternava banalmente com a simplicidade. Ora, nom cabe identificar *WOLÓBRIG- com o *Bolo* pois este está na diocese de Astorga, sucessora do convento asturicense, entanto que os de *WOLÓBRIXS, os *nemetates* (“que teem o *Nemeton*”), eram do bracarense. Mas nom é identificar o que procuramos, sim traduzir o nome. *WOLO- virá do ie. **upolo-* “baixo, inferior”, adj. baseado na prep. **upo* (> célt. WO, WA, WE; írl. *fo*, galês *gwo*), tal qual o célt. (O)UXSELLO- “alto, superior” vem de *(*e*)*ups*, cf. gr. ὄψι “arriba”, ὑψηλός “elevado”. As vogais de *valabricsis* diferem pela posiçom átona: o O breve temático dos primeiros membros de compostos bimembres, contra a regra, era aberto, como o O do primeiro membro de compostos em português (*francò-prussiano*). Deslocado o tom, esse O antes aberto, agora átono, passaria, qual hoje em galego, amiúde para A. Depois, o precedente WO- dissimila em WA- por harmonizaçom. Foneticamente WO passou regularmente a WA nos falares gauleses: *vassallus* < **upo-sthā-*. Os falares célticos, para “baixo, inferior”, usam hoje derivados do ie. **pēd-su* “aos pés”, mas a moderna origem adverbial destes é óbvia; para esta noçom na antiguidade deve-se supor outro adjetivo, que seria ser este *WOLO-, com a sua variante substantivada e afetiva *WOLLON.

Em suma, *WOLÓBRIG- significava “castro de abaixo, de juso” e *WOLLON, que interessa mais aqui, será o neutro substantivado e, como pátria, afetivamente geminado do mesmo adjetivo, com o significado de “(o país) de abaixo, de juso”, *scilicet* “de abaixo (=adjacente) de *Nemetóbriga*”.

4. Topamos um Centro da Kalláikia, um Monte Sagrado de todos os calaicos das três partes, mas, já dissipado o caos arredor dele, deveríamos ter um nome que designasse a entidade autoconsciente. O nome deve ser KALLAIKO-, mas vem-se dizendo desde Plínio (III, 28; IV, 112) que na verdade fora primeiro nome dūa tribo da Galiza bracarense e que só depois, pela glória que a tribo ganhou na luta com Roma, foi por sinédoque estendido ao conjunto dos habitantes do NO, com beneplácito de todos. Assim, como é usual, tudo nasceria dos romanos e descartaríamos a incómoda consciência nacional antiga. Confesso que desconfio. À margem da desconfiança, qualquer explicação deverá partir da interpretação do nome. De Plínio acá, os que ignoramos o significado primeiro na língua local giraremos no vazio entanto que nom demos com essa etimologia.

Sei que nom direi nada novo, mas a persistente estranheza nestas questões exige repetir o sabido até que a cultura oficial acabe de admiti-lo. Sabe-se que o pré-indo-europeu *KALA “abrigo, refú-gio” passou ao céltico com matizes especiais: “porto” (*Portu-cale*, latino-céltico), “lar, pátria” (KALL-AIKO- “o da Terra”), “abrigo de montanha” (*KALETTO- > fr. suíço *chalet*). A gemação de *kallaikos/gallaecus* é expressiva ou hipocorística e explica-se fácil pelo conteúdo emotivo que o caso implica: o vínculo com a Terra. A desinência -AIKO- (fase anterior à da gaulesa -ĀKO-, a meu ver) apresenta rasto de laringal prepalatal. De qualquer jeito, é conhecida e foi estudada.

Creio que KALLAIKO-, geminado, nunca foi nome tribal, ao menos por autodesignação, mas sim nome nacional *lato sensu* e um adjetivo que caberia traduzir “paisano, terrantês” ou “do torrom”, expressom que revela mais a afetividade e que com efeito aparece na língua medieval, talvez por açom do substrato⁷. Ora bem, a notícia de Plínio acerca da tribo deve conter ūa ponta de verdade. É provável os do Porto (entom KALĀ/*Cale*) chamarem-se *KALAIKOI, com L simples, pois que eles foram os primeiros a defrontar os romanos de Décimo Júnio Bruto, na batalha do Douro, decerto junto de guerreiros doutras tribos. O chefe romano recebeu nome deles, mas imediato o nome cresceria na língua local, mercê do préstimo atingido, e passaria de “da tribo do Porto” a “da Terra” mediante o câmbio crítico da gemação expressiva. Pode ser que KALLAIKOI tenha existido dantes no sentido lato, mas decerto receberia novo impulso nesses acontecimentos históricos.

⁷ Por caso, no *Livro de Linhagens* IV, fólhos XXVr e V: “e veo fallar com os da terra”.

5. A dos *artabri* era muita gente para tribo e dá certo serem “do Norte”. Dá-se no sul algo similar com os *groviū*. Suspeito serem conglomerado de tribos, vaga designaçom de origem territorial. Mela põe-nos do Douro à ria de Vigo, que é muito. Depois as notícias já se tingem da teima “helénica” que viu Schulten: *castellum Tyde* de Plínio, com ípsilo, que repete Sílio Itálico, que heleniza mais chamando aos *groviū* de *etólios*; enfim Marcial alterando **Groviūm* em *Graium [veterum]*, nome de rio, talvez o Lima, por achegá-lo de *Grae-cu-/Grai-co-*. Dos posteriores a Mela excluimos Ptolomeu, que desloca os *groviū* a leste, o que faz descrer da transmissom da fonte ou do texto. Se *groviū* nom foi nome tribal, virá da raiz **g^wher-/g^whor-* “aquecer; calor”, cf. gr. θερμός “quente”, lat. *formus*, germ. **warmaz*. Em irl. há *gorim* “eu aqueço” e *grían* “sol” (< **GRĒNĀ* < **g^whr-einā*). Logo *groviū* (**GROWIOI*) será “os da terra quente, do calor”, quer dizer, “os do Sul”.

6. Temos pois um Centro da Kalláikia, ūa vizinhança desse Centro e ūa autodesignaçom dos natu-raís desse cosmos. Sendo as fontes posteriores à conquista romana, subsiste a razoável dúvida sobre a cultura à que cabe atribuir a partiçom da Kalláikia em três. Nom repetirei o gesto de atribuir todo aos romanos; nem também a gratuita atitude inversa. Neste caso, à luz do dito, quadra recordar certos dados gerais a meu ver pertinentes:

a) A distribuiçom territorial em três distritos é parte da herança indo-europeia. Lembrem-se as três tribos dos dórios, os *ramnes*, *títies* e *lúceres* da Roma primitiva, as “três partes da Gália” (mais de três, o sintagma é um arquétipo mítico) e tantos outros. Parece arraigar este arranjo no sistema de matrimónios por primos cruzados que da perspetiva linguística estudou Benveniste.

b) Essa distribuiçom territorial para existir nom precisa de vínculos administrativos que abranjam o conjunto nacional, por riba do nível tribal. Se no caso dos dórios havia histórica unidade política, e também no caso romano, nom havia unidade dos gregos em geral, nem de gauleses. Nom havia unidade política na Irlanda antiga, só unidade nacional, laxamente representada na figura do *Ard Rí* ou Rei Supremo, que nom era cabeça de estado, mas sacerdote respeitado, *primus inter pares* e símbolo da **ĪWERIŪ* toda, que foi crescendo ao forçar os invasores a ideia de uniom política. O caso irlandês, claro tipo de uniom laxa, apresenta aparente contestaçom na divisom quaterna com que surge na história. Explicá-lo excede este espaço, mas cabe dizer que o quaterno pouco durou, suce-dido pelo sistema de cinco partes. No fundo havia um de três, de Ulster, Leinster e Connacht, do que Munster se excluía. Do sistema trial e do matrimónio de primos cruzados apenas há vestígios inertes e cristalizações linguísticas rachando o limiar da história.

c) A unidade nacional nos povos sem organização política por riba da tribo fazia-se na comunicação linguística, nos cultos comuns e no comércio regular das feiras ou festivais intertribais. O que conhecemos no mundo céltico como elos nacionais som as feiras, festivais-assembleias, conhecidas em gaélico como *óenaich* (< céltico *OINĀKOI⁸), e a religião organizada dos *druíd* (< célt. *DRUWIDES). Drasticamente proscrita pelos primeiros imperadores, só a inércia dos usos linguísticos e comerciais impedia a disgregação. O estudo do céltico final ainda nos deparará surpresas.

Chegados a este ponto, a pergunta sobre a realidade da Galiza pré-romana exige atentar para os OINAIKOI galaicos, dos que temos testemunho indireto na inscrição de Torres de Nogueira e na sua tradução latina. É, com efeito, foram traduzidos ao latim por *conventūs* “assembleias”, e no Império designavam, já não aquelas reuniões soberanas, mas ūa categoria territorial, as três partes que Nemetóbriga reúne. Os *conventūs* não eram metáfora jurídica romana, eram lídimas assembleias (ou festivais, feiras, romarias, etc.) populares da sociedade céltica, depois aproveitadas no Império para organizar o território. Antes da conquista, os *oinaikoi* (asturicense, bracarense e lucense diri-am-lhes depois) eram reuniões de tribos que reconheciam vínculo especial entre si juntando-se anualmente num ponto médio dessa terra. Quatro grandes festas anuais tinham os celtas, mas a mais política e nacional, a maior, era a celebrada arredor do primeiro dia do mês equivalente a agosto. Concretamente, na Kalláikia aconteciam nas planuras de Lugo, Braga e Astorga. Foi a única festa a desaparecer (quase) de todo, talvez pelo seu cariz político. As outras festas anuais subsistem recí-cladas: na Candelária (*AMBÍWOLKĀ “Circumpurificação”, o primeiro dia do mês equivalente a fevereiro); nos Maiores (*BELTONIOS “da Morte [do Meio Ano Escuro]”, pelo 11 de maio); e no dia de Todos os Santos e no dos Defuntos (*SAMONIS “Reunião (amorosa)”, arredor do 11 de novembro.

Arredor do primeiro dia do mês equivalente a agosto celebravam *LUGUNĀSTADĀ “bodas de Lugus [com a Terra]”, festa que foi genialmente aproveitada por Augusto, que tinha o poder, mas necessitava sacralizá-lo. Para fazê-lo não podia apelar à memória da velha monarquia romana, desprestigiada no processo de formação do estado e tingida pelos últimos reis etruscos com o estigma da usurpação. Sábio na teologia pagã dos povos imperiais, viu o culto de Lugus esparsa na maior parte do Império. Lugus, Deus-Rei, Soberano Sábio, adorado de todos os celtas, que, a par do perfil indo-europeu, portava os significados universais da monarquia sagrada dos povos arcaicos, conforme Frazer

⁸ Em galaico *oinaikos* (OINOS “um” e sufixo arc. -AIKO-). Ara votiva de Torres de Nogueira, Cor., a *Cossō Oenaecō* (dat. lat.). *Cossos* era assimilado a Marte. KOSSOS OINAIKOS (dat. KOSSŪI OINAIKŪI) é paralelo do lat.-germ. *Mars Thingsus*, “Marte do *Thing* (assembleia)”, *id est* *TĪWAZ. É o deus céltico *NŌDŪS, NŌDONTOS (irl. ant. *Nuadu*), par do *Mitrá* védico e o *Týr* nórdico, do *Numa* evemerizado da Roma primitiva (e do Marte tardio, tornado deus do direito). KOSSOS vem do ie. **ko(m)-stho-*, vale “companheiro” e era sócio soberano de *Lugus* (=Várana, *Wōðinaz).

sacerdócio no que o rei é consorte da Terra e garantia da sua fecundidade. Octávio dum golpe enervou a raiz religiosa da soberania céltica e procurou-se o lugar de Lugus, identificando-se a ele. Daí pôr-lhe seu nome a Sextilis; nom pela honra de figurar no calendário, que qualquer mês lhe daria. Sextilis era quando os celtas celebravam o festival de Lugus, segundo sabemos pela tradiçom irlandesa. O 11 de Sextilis, dia de Lugus e *LUGUNĀSTADĀ, foi doravante dia e mês de Augus-to, Agosto. Eis a tam buscada raiz do culto imperial, ansiosamente pesquisada pelos historiadores.

Dá vertigem tamanho facto ter sido esquecido. Augusto vigiou zeloso a observância da identifi-caçom, raiz do culto imperial. É a lídima razom pela que o Santuário do Souto lucense, *NEMETON que depois foi *Lūcus*, onde em agosto celebravam assembleia as tribos do terço noroeste dos calai-cos, foi afinal *Lūcus Augustī*. Schulten cria este apelido vir-lhe de ser fundaçom sua. Certo, se se entende que Augusto se identificou a Lugus. Ele traduziu *NEMETON LUGOUS “Santuário de Lugus” por *Lūcus Augustī*. Eis por que a chã de reuniom dos calaicos do Sul, no país brácaro, a [*LANDĀ ou LĀNĀ] BRĀKARĀ, foi depois *Brācara Augusta*. Eis por que a [*LANDĀ ou *LĀNĀ] ASTURIKĀ foi depois *Asturica Augusta*, antes ponto de reuniom dos calaicos do Leste.

Há cabos soltos. Planuras? É. Na tradiçom irlandesa vê-se as assembleias ter-se nos campos. Agosto, mês quente da colheita, é bom para reunir-se ao ar, sacrificar, julgar, acordar, concursar artesãos, correr cavalos e carros em honra dos heróis, e para música, cantos, esponsais (no tempo das bodas de Lugus). De Lugo, Astorga e Braga sabe-se há muito nascerem, nom de castros celtas, mas de campamentos romanos. Hoje sabemos que foram postos aí para vigiar justamente as reu-niões que cifravam a identidade nacional e religiosa do povo calaico. Nascem da necessidade de domínio, dũa dominaçom de tipo “britânico”, que nom obsta a cultura dos dominados entanto que nom interfira com os seus altos interesses políticos e económicos.

3. AS CÉLTICAS HESPÉRICAS

1. Acabamos de ver emergir a *Kalláikia*, a Céltica do noroeste da península ibérica. Vimos também essa organização desenvolver-se no horizonte possível, no limite imposto pela natureza, no vaso apto para verter a tradição cultural indo-europeia e céltica, que incluía, além da língua, a sacralização do numeral três e o sistema de parentesco por matrimónio de primos cruzados.

Três conventos, que foram *oinaikoi*, tinha a Kalláikia e um centro cultural em Nemetóbriga. Essa estrutura vinha do tempo mais velho que possamos enxergar e persistiu através da conquista romana com força suficiente para atingir reconhecimento nos tempos de Caracalla e Diocleciano.

Estas constatações dariam seguras se pudéssemos confirmá-las alhures, fora da Kalláikia, preferentemente nas áreas próximas. Esse será o intuito deste capítulo.

2. Lusitânia

a) *Ammaia*:

Na organização territorial latina, um dos distritos mais constantes é a *Lusitânia*. Tinha três conventos, *scallabitānus* (com centro em *Scallabis*, Santarém), *pācēnsis* (de *Pāx Jūlia*, Beja) e *ēmeritēnsis* (de *Ēmerita Augusta*, Mérida). Desses nomes só um apresenta perfil autóctone, *Scallabis*. Mas a antiguidade da tripartição vem assegurada pelo ponto de convergência dos conventos, em *Ammaia*, hoje Portalegre, Alto Alentejo. A condição religiosa, de religião local, ficou-lhe gravada no nome, tirado de *AMMĀ “mãe; nutriz”, voz céltica, mas gerada na linguagem infantil e documentada em muitas partes. Aqui provavelmente tenhamos *AMMĀDIĀ, adjetivo feminino tirado daquela palavra com o significado de “(vila) da Mãe Nutriz”, quer dizer, da Deusa Mãe Terra. Nome bem apto para Centro da Mãe Terra dos lusitanos.

b) *Scallabis*:

Ementáramos *Scallabis*, de exótico perfil, e quadra dizer que o nome deve ser céltico, apesar da aparência. Hoje Santarém fica na beira destra do Tejo, mas aparentemente —se atinam os mapas da Lusitânia romana que tenho à vista— *Scallabis*, a romana ao menos, ocupava as duas beiras. Isso leva naturalmente para a raiz ie. *skel- “partir, fender”, cf. lit. *skeliù* “fendo”, gót. *skalja* “telha”, latinos *culter*, *cultellus*, *scalpare*, *sculpere* e inglês *shilling*. É também céltico, goidélico e britónico: gaél. *scoilt*, *scol* f. “fenda”, *scoilt-*

“fender”, *scaíl-* “esparger-se, partir-se”, *scalp* “fenda, buraco”. As línguas britónicas mudaram muito o perfil e som irreconhecíveis: **sk-* > **ks-* > **χ-* > **χw-*.

Mas a desinência escapa-se. O *-ll-* geminado, afetivo, nom é problema, mas a desinência, similar à da ibera *Saitabis*, pode distrair, se nom atinamos a ver que o céltico foi língua franca na península antes do latim⁹. Esse *-(a)bis* era provavelmente céltico, a desinência do caso instrumental plural, que no gaélico vemos podia funcionar de dativo¹⁰. A meu ver temos um caso de labilidade similar ao dos topónimos latinos em ablativo de funçom locativa: *Aquis Granni* (“nas águas de Granno”), *Aquis Celenis*, *Treveris*, etc. Logo, *Scallabis* (*SKALLĀBIS se atinamos) seria “(com as) Fendida(s)”. *SKALLĀ “fendida, partida” seria a forma básica e o significado do topónimo, dependente de o Tejo passar a parti-la. O acréscimo do instrumental terá valor possessivo ou locativo. Frases como a francesa *aux confins de la terre* mostram a comutabilidade dos valores locativo, dativo e instrumental.

Também o possessivo é próximo. Nas línguas célticas nom havia, nem há, verbo qual os românicos *ter* e *haver*. A posse expressa-se mediante a preposiçom de companhia: em vez de “tenho um livro”, diz-se “um livro é comigo”. Talvez fosse esse o matiz expressado no topónimo, inda que a traduçom exata ainda nom se possa precisar.

c) *Lusitānī*:

Se ao étnico lhe tiramos a desinência *-tānī*, complexa e acunhada por latinos, temos um tema *luso-*, aparentado ao dos Λούσωνες que Estrabom (III, 4, 13) situa nas fontes do Tejo, de tema *luson-*. A raiz, se indo-europeia, qual parece, seria **lus-* ou **leus-*, da que nom há notícia. O que é que há é **pleus-* “pluma; velo; guedelhas” e “arrancar”, cf. lat. *plūma* (<

⁹ Provam-no as duas capitais peninsulares de língua nom indo-europeia, a ibera Barcelona e a basca Pamplona. À margem das suas etimologias últimas, em latim eram *Barcino*, *-onis* e *Pompaelo*, *-onis*. Segundo a gramática histórica catalã e navarro-aragonesa, hoje deviam ser cat. **Barceló* (port. *Barcelão*, cast. *Barcelón*) e cast. *Pamplón*, procedentes do acusativo sg. latino. A desinência *-ona*, que está em todos os topónimos paralelos da península, só se explica a partir do acusativo singular céltico, *BARKENONA(N) e *POMPAILONA(N). Nom há maneira de sair daí.

O pasmoso da explicaçom é implicar que essas formas tradicionais, no momento de fixar-se a forma romance única por nivelaçom casual, continuavam a ser declinadas à céltica. Muito depois de o celta ter sido substituído na funçom de língua franca pelo latim, ao menos ao nível culto. A língua popular, incrivelmente misturada, sincrética, de facto conservava estruturas do substrato que cabia supor, mas nom discernir decerto, cuja existência já conhecíamos pela linguística, no tocante ao transplante de línguas. É possível que na conservaçom ajudasse ūa “feminizaçom” paretimológica.

Outro caso é *Tucci* ou *Itucci* (gr. Τύκκε), hoje *Martos*, Jaém, zona sempre julgada ibera. É nome céltico: *he Tukke* “o crasso, rico”, cf. *Tucca*, *tucetum*, **tuccinum*, etc., precedido dum demonstrativo debilitado frequente em Hispânia.

¹⁰ Com efeito, ainda hoje o gaélico apresenta a desinência de dativo *-(a)ibh*, que procede, nom do dativo plural *-BO, senom do instrumental plural *-BIS.

*PLUS-MĀ), al. médio *vlūs* > al. *Flausch* “velo”, lit. *plùskos* “guedelhas”, let. *pluskas* “id.”, pruss. ant. *plauxdine* “leito de pluma”.

O grau zero em céltico era justamente *LUS- com a perda céltica do P. A existência da raiz em céltico assegura-a o irl. médio *ló* “flocos (de lã)”, plural *loa* (< *LOUS-, grau pleno e tema em A ou U).

Logo os temas *luso-* e *luson-* significariam “guedelhudos, de cabeleiras longas”, o que acorda com notícias antigas. Paradoxo aparente, se lembramos os castelhanos na Idade Média ter chamado aos portugueses de *chamorros*, vocábulo talvez de origem basca que significa “rapados”. Vaivéns da moda, que no séc. XIV os levou a levar cabelo curto, provavelmente seguindo passos do rei Dom Fernando (1367-1383), enquanto os castelhanos ainda o levavam longo à antiga. Outro paradoxo é os catalães chamar *xamorros* tanto aos portugueses quanto aos galegos (Coromines), apesar de os lavradores galegos, sempre arcaizantes, terem levado o cabelo longo até fins do séc. XVIII.

3. *Celtibéria*

Mais difícil é discernir as estruturas aqui. Região muito exposta às influências mediterrâneas e ao acosso precoce das forças dessa origem, é provável que os próprios autóctones tenham minguido o rigor tradicional da ordenação territorial antiga.

Conhecem-se sim os lindes aproximados, os orientais pela determinação dos lusitanos e galegos, os ocidentais pelos achados arqueológicos que desvendam a natureza linguística dos povos que moravam até o curso médio do Ebro. Pelo sul pôde ser o Tejo, mas os celtismos que se descobrem mais ao sul (ver n. 1) difuminam os lindes. O que nome se lhes inclui em geral é Cantábria. Os cumes altos separam culturalmente muito; mas também é certo que, se a etimologia de *cantabri* de Coromines atina (parece atinar), seu nome significaria “os do país de abaixo, para o mar” e esta qualificação só pôde ser atribuída pelos vizinhos do sul, com os que deverem de ter vínculos estreitos.

Não há étnico geral próprio; *celtiberi* é claro nome exógeno. Não lhe conhecemos lugar santo ou ênfalos cultural. Por *horror vacui*, proponho *Burgo de Osma-Uxama* (célt. *OUXSAMĀ) considerando o lugar central e o seu nome: “a mais alta”, coerente com o caráter de ênfalos da “vila santa no monte sagrado”. Só assomo de estrutura que conheço é o que assinalara Kuno Meyer e Coromines recebe: *Are-vaci* ser os “vaceus do Leste”. Em Estrabom *ρουάκοι*, o nome dura em *Aravaca* (< *AREWÁKKĀ), lugar próximo do Escorial; logo seriam *ARE-WÁKKOI. Os Vaceus, dos que tiram nome, eram *vaccae* em latim, que virá de *WAKKAI OI, nome que se assemelha muito ao lat. *vacca* e ao scrt. *vaçá*.

Lembremos os famosos touros de Guisando; parece a teofania em figura de vacum ser a favorita desta gente. A tradução depende do valor primitivo dessas palavras latina e sânscrita, isoladas junto do céltico. Provavelmente “a gente da Divina Vaca”, com paralelos índios.

Compensando essa míngua na tradição, a fortuna concedeu-lhes os melhores textos subsistentes do céltico antigo, os bronzes de Botorrita.

4. SIL, O RIO DA LINHAGEM

(Do contributo ao IV Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza, celebrado em Vigo em Outubro e Novembro de 1993, com escassas mudanças)

1. Num artigo publicado primeiro em 1978¹¹ e renovado em 1992¹², dava-lhe eu ao Sil o étimo *SĪLĪ “da semente”, que ainda subscrevo. O P. Flórez identificava *Sil* com o *sĭl*, *sĭlis* “terra mineral” cita-do por Plínio, critério que aceita o historiador Casimiro Torres Rodríguez. A ser o étimo, deveria supor-se genitivo, e **sĭlis* nom pode dar *Sil*; só **sis* ou cousa similar.

Coromines (nota 6 do verbete *silo* do seu DCECeH, nom no DCELC) também tira *Sil* de *SĪLON, e cita a forma *Sile* dum documento de 957, o que firma a base *SĪLĪ. Tal qual eu no 1978 (e ainda no 1992) interpretava “da semente” qual metáfora “do grão de ouro”, Coromines aparentemente pensa SĪLĪ vir do sentido metafórico “do sumidoiro”, “do leito profundo”.

2. Agora ūa série de dados etnográficos pus-me no caminho que creio mais cingido à documenta-çom coligida pelo Mestre. Nela vê-se, nas línguas neocélticas, o predomínio dos valores metafóri-cos animais: irl. mod. *síol* [šĭl] “speed, sperm, race, tribe, clan”, galês *hil* “descendência”, galês ant. *sĭl* “descendência; semente; mǐlharas, ovas de peixe”. Creio que em *(RĒNOS/ SROUMĀ/ ABONĀ...) SĪLĪ palpita um “Rio da Linhagem”. Por quê?

O Sil nascia e nasce no *conventus asturicensis*, que a meu ver foi antes o OINAIKOS ÁSTURON “assembleia dos ásturos [“do Leste ou Nascente]”. Ao deixar este distrito, servia de raia entre o *conventus lucensis* e o *bracarensis* (antes OINAIKOS ÁRTABRON “assembleia dos do Norte” e OINAIKOS GROWION “assembleia dos do Sul”) e até a confluência no Minho constituía o que na Idade Média se chamava a *Ribeira Sagrada*. A sacralidade cristã do lugar, evidente nos importantes mosteiros ali estabelecidos, pode talvez continuar outra anterior pagã, decerto doutro cariz e significado. De nenhũa maneira quero fazer torpes reducionismos. Falo nũa substituiçom, nom em disfarce. Pois bem, que significaria essa sacralidade? Recentes estudos etnográficos vinculam a distribuiçom territorial interna dos povos antigos com as estruturas de parentesco. Tem-se enxergado algo destas sugestivas perspetivas no mundo dos quéxuas andinos. Algũa cousa semelhante ocorreria no mundo indo-europeu mais primitivo, que distribuía a comunidade nacional em três territórios. Isso estaria vinculado a algum tipo de exogamia. Benveniste fala nos matrimónios de primos

¹¹ *Dos três Lúgoves Arquienos ou Do que duas inscrições latinas nos ensinam sobre o passado da Galiza* na revista *Grial* n1 59, Jan.-Fev.-Março 1978, Vigo, pp. 14-44.

¹² Revista AGĀLIA n1 31, Outono 1992, Corunha-Santiago-Ourense, pp. 351-377.

cruzados como característicos dos indo-europeus arcaicos. Só ecos subsistiam entre os históricos, mas suficientes para formular a hipótese de o Sil ter sido o Rio da Linhagem. Rio da Linhagem por reunir as três partes da Céltica do Noroeste peninsular.

Estou ciente das resistências que a hipótese pode levantar, sobretudo pelos corolários vastos e profundos, mas, ūa vez lançada, deverá ser submetida à crítica, e daí surgirá com certeza um critério firme e enriquecedor, qualquer que for.

AINDA MAIS SOBRE A KALLÁIKIA (E ACERCA DOS ÁSTURES)

(Do contributo ao IV Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza,
celebrado em Vigo em Outubro e Novembro de 1993, com leves mudanças)

1. No contributo ao anterior congresso, perseguimos as pegadas dūa Kalláikia pré-romana consciente de si, com certa organizaçom territorial, a própria das tribos indo-europeias arcaicas. Víramos ali convergir as fronteiras dos *conventus* / OINAIKOI na cidade santa de *Nemetóbriga*, o que isto significava, e o centrado de cada convento nūa planura que depois conteria um campamento militar romano, embriom de vila medieval (Lugo, Braga e Astorga). Neste trabalho vimos a importāncia que deveu de ter o Sil nessa organizaçom, como Rio da Linhagem que reunia as três partes.

À margem desses resultados, também parece claro a delimitaçom desse território provir do perfil geográfico da terra calaica. Gentes de fala céltica havia fora dela, mas os limites dependerom da Terra, do factor feminino, geográfico.

Nesta ocasiom queremos profundar um par de linhas já apontadas, que supomos contribuirām a confirmar o que primeiro foi suspeita alarmada e depois jogo encantado.

2. *Organizaçom social*

Com o atingido e algūa comparaçom, vejamos as estruturas sociais que enxergamos na Kalláikia:

11) Começando pela base, o primeiro que temos som as famílias, grupos de parentesco certo e imediato conformados pelos que moram na mesma casa ou habitáculos contíguos. O nome céltico seria *WENIĀ. Dirigia o *tigernos* “dominus”¹³. O nome da casa qual

¹³ Na redaçom original pus *tegnos*, forma baseada na velha etimologia, tirada de **tegos*, *tegosos* “casa, edificio”. Mercê de Vendryes, hoje se pensa que a velha ortografia gaulesa e britānica com *tig-* era a

entidade social era TREBĀ “casa solarenga; casa linhagem; unidade de exploração agrária”, diversa da casa-edifício, *TEGOS, TEGESOS.

21) Arriba das famílias era o clã, grupo lábil de famílias vinculadas por antecessor comum. O crescimento demográfico e a exogamia fariam do antecessor um factor só referencial. O nome céltico era *WĒXS, WĒKOS; em composição -WIKES. A morada desta reunião de famílias era o castro, BRIXS, BRIGOS. Na cabeça do clã, centúria, gentilidade, ou como queiramos chamá-lo, havia um chefe chamado *K^wENNOS “cabeça; chefe”. Provavelmente a par dele havia um sábio, letrado e sacerdote. Parafraseamos por nom usar a palavra *DRUWIS, DRUWIDOS, que tanto arrepia.

31) A reunião dos clãs constituía a tribo, maior unidade política com direito positivo efetivamente estabelecido, pequeno estado ou *civitas*. O nome céltico era TEUTĀ “nação”. Sem anacronismo, o conceito “estado; reino” era próximo do de *RĪGION, âmbito do império (módico) do RĪXS, RĪGOS “rei”, a par do qual havia um “doutor do povo”, que chamaremos DRUWIS TEUTĀS. O âmbito físico da sociedade organizada era o *TĪROS, TĪRESOS neutro “país, território”. Outro nome para país, sem referência à população, era LANDĀ. Inda havia outra voz próxima que cumpre distinguir, *MROGIS > BROGIS “país fronteiro; marca”, país visto pelos vizinhos. Se se quer imaginar o tamanho d’ua tribo calaica, cabe pensar n’ua comarca atual grande: Lemos ou a Terra de Sárria.

41) Fora das tribos só havia federações laxas, fundadas também na noção de origem comum, e plasmadas nos OINAIKOI, assembleias e festivais anuais, nomeadamente a vernal em honra do deus-rei Lugus, nos inícios do décimo mês céltico, equivalente a Agosto. Havia na Kalláikia três federações, “assembleias” ou OINAIKOI-*conventūs*: a) a dos do norte ou ártabros, com reunião na planura-san-tuário sita onde hoje está Lugo; b) a dos do sul ou gróvios, com reunião na chã dos brácaros, onde Braga; e c) a dos do nascente ou leste, os ásturos, com reunião na chã onde se levanta Astorga. Estas federações eram presididas por um *ARDWÓRĪXS “Sumo Rei”, primeiro entre pares, certamente o rei da tribo anfitriã. A par dele, com mais relevo, havia um DRUWIS OINAIKĪ. Se queremos o paralelo territorial desta sociedade de tribos federadas, podemos imaginar o sintagma MROGEIES/ MROGĪS KOMBOROI “países confederados, reunidos”.

boa. Derivará de *tigu-* que designa a “ponta, cabo, extremo final”, de jeito paralelo ao de *k^wennos* “cabeça”, que também vale “fim, cabo”.

51) Dentro do cosmos do homem antigo só havia mais um grau, o âmbito em que se exercia a consciência de comunhom linguística e religiosa. Na Kalláikia parece contradizê-lo ter fora dela gentes com as que a comunicação linguística e religiosa era possível. Cumpre matizar aquela ideia prévia e introduzir o factor geográfico. Os que partilhavam língua e religiom podiam ficar longe demais dos irmãos da fronteira diametralmente oposta. Daí as Célticas, âmbitos geográficos nos que a co-municação era materialmente possível de jeito sistemático. As paisagens mudaram limites no tem-po, mas no caso calaico remanescerom na Gallaecia e no Reino de Leom. No ideológico, a organização territorial da Kalláikia fundava-se no parentesco mítico, cuja longe base histórica é indiscernível, mas que vigorava potente, cf. a etimologia do rio Sil, “Rio da Linhagem”. No centro da Kalláikia nom havia RĪXS algum. Haveria um OLLAMOS DRUWIS “Doctor Maximus”, a presidir con-cílios em Nemetóbriga. Nome da terra era **KALLÁIKIĀ**, “o território dos *kallaikoi* [os da Terra, do torrom]”. Para o conjunto da população, a Terra, Kalláikia, era o cosmos. Só os conscientes ou letrados sabiam do mundo, do *BITUS, BITOUS “o mundo (habitado dos vivos)”. Este horizonte limi-tava-se aos de língua e cultura afins. Além dele, o caos dos bárbaros nom recebe atençom.

3. *Etimologia de ástures*

Dirâm os rigorosos que exageramos a imaginação otimista. Decerto há otimismo na reconstrução, mas como nom topamos obstáculos, os cépticos correm risco de deslocar o cargo da prova para si. O argumento maior sobre ūa Galiza pré-romana vem dado na sua tripartiçom, com Nemetóbriga no centro. Nisto queremos insistir.

Já dissemos os ártabros serem os “setentrionais”¹⁴, o que dalgum jeito já se sabia. Além dessa sig-nificação básica, cremos que esse nome na Kalláikia servia a designar os habitantes da entidade conhecida em data romana como *conventus lucensis*. Em geral, *artabroi* significava “setentrionais”, e além disso, na Kalláikia, significava também o que *lucēnses* em data romana. As dificuldades de Plínio com o nome *artabri*¹⁵ acusam influência subliminal da ideologia do Império.

Por que supomos essoutra acepçom? Porque temos visto no Sul da Kalláikia emergir outro conglomerado similar ao dos ártabros. Refiro-me aos *gróvios*, que, se damos crédito a Mela (único peninsular entre os que tratam da nossa antiguidade [Estrabom, Mela, Plínio e Ptolomeu]), ocupavam toda a costa do convento bracarense. Quando perscrutamos a

¹⁴ Cap. 16 do nosso contributo para o III Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza.

¹⁵ História Natural, IV 114.

etimologia de *grovio-*, chegamos à conclusom de serem “os da terra quente, do sul”. Logo já se insinuava os *ástures* ou *ásturoi* ser “os do Nascente ou Oriente. É óbvia a articulaçom destes nomes e significados.

Nom sei se alguém me precedeu na ideia que vou desenvolver. Custa imaginar ninguém ter sus-peitado o nexo com a raiz ie. **us/aus/āus*. Digamo-lo já, cuido que *ástures* deverá ser derivado ate-mático (frequente em céltico¹⁶), de **ASTURĀ* “nascente, aurora”, do ie. **aus-terā*. **ASTURĀ* será homólogo do germânico comum **Austrō-* (cf. anglo-sax. *Ēastre/Ēostre*), teónimo relacionado com **austro-* “para leste” e com **austo-* “no leste” (cf. o inglês *east*, por caso). A família indo-europeia da raiz é imensa. Além de germânica, é índia, grega, báltica e itálica. A gens *Aurelia* testifica a sua existênciã no dialeto sabino, dada a origem da gens. O latim *aurōra* (< **aus-ōsā*) é o caso mais claro, mas também *auster*, *-trī* e *austrālis*, *-e* (com mudançã de significado, conforme a condiçom de nome de vento).

Duas questões põe a etimologia: a eliminaçom do uau do ditongo e a forma exata do sufixo. Quanto ao primeiro, o céltico deslocava o uau dos ditongos decrescentes à sílaba seguinte, em condiçom às vezes conhecidas: a) ante -S- intervocálico¹⁷ e b) ante -R-, cf. o latim, mas mais sistemati-camente (célt. *tarwos* perante lat. *taurus*). No caso presente nom há própria metátese do uau, mas contágio progressivo do timbre, o que no fundo é afim. Além disso, duas notas enquadram esses factos e podem levar a supor um pendor geral para a eliminaçom de ditongos decrescentes: dum lado, o céltico ter confundido pronto ditongos longos e breves; doutro, uau e iode ser lábeis; fonolo-gicamente parecem ter sido tomados por alongamento da vogal, sobretudo quando A.

O sufixo era -TERO-, nom -TRO-. As formas germânicas teem síncope, nom anaptixe (também *austrālis*). O primeiro estabelecia oposiçom binárias e o segundo servia para nomes de instrumento.

Cabe ementar o único outro testemunho céltico antigo desta raiz¹⁸. É *Asturis/Austuris*, lugar que no fim do Império de Ocidente figura na Nórca, à beira do Danúbio, perto de *Vindobona* (Viena). Está em ablativo-locativo plural latino; logo tema em O ou A, que difere

¹⁶ Houve variante temática, como prova o medieval *regnum asturorum*, de nom. sg. *asturus* (< **ASTUROS*). Talvez esta fosse maioritária e *ástures* se tirasse secundariamente do g. pl. autóctone *asturon*, latinizado *asturum*.

¹⁷ H. Lewis-H. Pedersen, *Celtic Grammar*, Göttingen, 1961, p. 8.

¹⁸ Schulten associou, a meu ver erradamente, o *Astura* do Lácio, paroxítono, e a série de topónimos gregos proparoxítonos, homófonos casuais ou paralelos remotos cuja revisom nos desviaria. Cabe destacar que o *astur* moderno, oxítono tem de ser, quer derivado regressivo de Astúrias, quer leitura defeituosa do nome antigo por semiletrados; o -U- é breve, como testemunha *Astorga*, de *Asturica*, e os textos de Estrabom (στουρες e στουρες).

de *astures*. De leve, pois que já vimos transparecer na tradição o *regnum asturorum*, que resgata o tema *asturo-*. Este deveu ser antigo e preterido por razões convergentes. Estrabom favoreceria um vínculo paretimológico com os topónimos homófonos da Anatólia antiga¹⁹.

Nestes preciosos testemunhos o tema está com ditongo nãa das duas variantes, sem ele no outro. Logo em pleno processo de desapareçom. Também temos a labializaçom da vogal postónica, antes da perda do uau; e temos o sufixo na forma plena, inda que com câmbio do timbre vocálico. As duas formas som do séc. V: *Austuris*, variante plena, na *Notitia Dignitatum Occidentalium* 34, 45, segun-do Schulten. *Asturis* é algo posterior; da vida de Sam Severino, escrita em latim por Eugíppio (I, 1 e 5). Nom acedi ao texto, mas tratando-se do Apóstolo da Nórca, antes ermitão e monge no Oriente no séc. V, o livro terá sido escrito no séc. VI. Logo *Austuris* é anterior a *Asturis*, contra a opiniom de Schulten, que supunha processo inverso de cunho etrusco; a teima etrusca levou-o a des-cobrir inúmeros tesouros sem deixar-lhe encontrar o só que anelava. Por adir outra Ástura às anatólicas, tira os topónimos nórnicos dum Ástura feminino e singular. Certamente pode ser tema em A, mas nom singular. Talvez me equivoque, mas os exemplos de ablativo-locativo toponímico que lembro som todos variantes plurais de nominativos também plurais: *Aquis Granni, Sacris, Flaviis,...* de *Aquae Granni, Sacrae, Flaviae,...*

Nestes nomes temos um étnico com valor de “orientais”. Os celtas da Nórca eram os mais orientais do seu *continuum* europeu, fora grupos isolados da Panónia e mesmo da Dácia, sem falar dos gálatas anatólios. Língua e cultura germânicas herdaram a situaçom extrema ao substituírem a céltica pouco depois. Nom é fantasia ver no germânico *AUSTRO-RĪKJA- (> aaa *Östar-rīhi* > alemam *Österreich* “Áustria”) um decalque ou substituiçom, ao menos parcial, do precedente céltico.

É tradicional interpretar *ástures* como étnico derivado do nome dum rio *Astura*, citado por Floro (séc. I), Paulo Orósio (séc. V) e Sam Isidoro (séc. VI). O primeiro ementa-o no quadro da guerra cântabro-ástur. A distância no tempo dos outros testemunhos deita neles a suspeita de serem livres-cos ou, melhor, paretimológicos. Nom se sabe de rio que se preste. Sempre se disse ser o *Esla*, mas Coromines provou rotundamente este só poder vir do *ÉSTULA que ele reconstrui, e interpreta como adjetivo derivado do céltico *ESTUS “cascata, ferverça”. Logo, explica-se a mençom de Floro como paretimologia desse topónimo real, *ÉSTULA, sob a influência do nome dos adversários de Roma, os *ástures* ou *ásturos*, que constantemente devia nomear. Floro, como Plínio, nom sabia céltico.

4. A segregaçom das Astúrias do conjunto galego começa quase inocentemente na histo-

¹⁹ Veja-se A. Schulten, *Los cántabros y astures y su guerra con Roma*, Austral, Madrid, 1962, p. 88; onde pro-cura adequar os testemunhos à sua tese etrusca.

riografia latina como consequência do protagonismo dos calaicos ástures na guerra dos anos 29-19 a.C., de Roma contra esses montanhese. Depois será longamente aproveitada para outras manipulações.

Mas miremos mais longe. O que importa ver é pasmoso. A *Kalláikia* existiu. Nom foi feita romana. Temos um passado que resgatar e do que orgulhar-nos. Podemos reformular toda a nossa história à luz de tamanho dado, que todo transtorna e ilumina. Se a *Kalláikia* existiu (e parece mila-gre chegarmos a sabê-lo), como nom crer na maravilha. A *Kalláikia* existiu. E a Galiza existe, mal que ainda agachada sob um véu de angústia. Mas pronto lhe veremos a misteriosa, entranhável face.

Novembro de 2004.